

GRANDE SERTÃO: VEREDAS: O RETRATO ALEGÓRICO DO BRASIL**GRANDE SERTÃO: VEREDAS: THE ALEGORIC PORTRAIT OF BRAZIL**Rízia Lima Oliveira¹

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O presente trabalho busca evidenciar aspectos do romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, como uma obra que está além do regionalismo, buscando ressaltar as características que apontam para um romance de formação social, ou seja, para algo além do olhar regionalista apontado por alguns críticos, mas sim como representação do mundo e não apenas do sertão. Logo, o que se quer evidenciar é a maneira como a realidade perpassa o romance, retratando a sociedade contemporânea, remontando a partir de um grupo de jagunços do sertão mineiro e construindo assim retratos do Brasil. Para isto, serão considerados os estudos de Willi Bolle – Grandessertão.br – Um romance de formação do Brasil – e a teoria do romance de formação social. Dessa maneira, os textos críticos aparecerão de forma a apontar esse aspecto da obra, como um romance social, considerando que o que se deseja é não restringir a obra de João Guimarães Rosa a um único espaço ou região.

Palavras-chave: Grande sertão: veredas; Willi Bolle, regionalismo.

Abstract: The present work will seek to highlight aspects of the novel *Grande Sertão: veredas*, by João Guimarães Rosa, as a work that is beyond regionalism, that is, seeking to emphasize the characteristics that point to a novel of social formation, that is, to something Besides the regionalist look pointed out by some critics, but rather as representation of the world and not just the Sertão. Thus, what is to be evidenced is how reality permeate the novel, portraying contemporary society, reassembling from a group of gunmen of the Sertão Mineiro building so portraits of Brazil. For this will be considered the studies of Willi Bolle-Grandessertão.br-a novel of formation of Brazil-and the theory of the novel of social formation. In this way the critical texts will appear in order to point this aspect of the work, as a social novel, considering that what is desired is not to restrict the work of João Guimarães Rosa to a single space or region.

Keywords: Grande sertão: veredas; Willi Bolle, regionalism.

Submetido em 18 de outubro de 2020.

Aprovado em 25 de maio de 2021.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Email: rizialima.deoliveira@hotmail.com

Grande sertão: veredas (2017), romance lançado por João Guimarães Rosa em 1956, apresenta uma prosa que tem como narrador o ex-jagunço Riobaldo que, em um monólogo, narra suas vivências pelo sertão a um interlocutor vindo da cidade que está hospedado em sua fazenda:

Mas, o senhor sério tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sortimento conferir o que existe? Tem seus motivos. Agora — digo por mim — o senhor vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes demudaram. Quase que, de legítimo e leal, pouco sobra, nem não sobra mais nada. Os bandos bons de valentões repartiram seu fim; muito que foi jagunço, por aí pena, pede esmola (ROSA, 2017, p. 27).

Apesar de Riobaldo indicar a presença de um interlocutor – “o senhor de suma doutoração” – não existe um diálogo entre eles e não há presença do discurso direto indicando que se estabeleça um diálogo. Acerca do interlocutor, a ensaísta Walnice Galvão afirma que

veio da cidade uma personagem a que chamaremos de Interlocutor, pois ele não tem nome, procurando por um renomado chefe de jagunços de que ouvira falar, a quem quer conhecer para entrevistá-lo e indagar de seu passado, suas batalhas, as peripécias em que tomara parte, de onde viera, quem tinham sido seus pais; enfim, como vivera sua vida. O Interlocutor é então quem instiga a narração, e ela se faz em sua intenção, em resposta às múltiplas inquirições e dúvidas que vai levantando, para precisar melhor acertos passos que ainda vagos do enredo (GALVÃO, 2001, p. 239).

Riobaldo, agora já em sua aposentadoria como jagunço e casado com Otacília, vive em sua fazenda como um grande latifundiário, considerando a herança que herdara de seu padrinho (e pai), mas desde os momentos iniciais da prosa indica o modo de vida sertanejo impregnado pelo uso da violência e das armas: “– Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja”. Além do modo de vida bélico, as primeiras páginas do romance também abarcam as questões metafísicas que circundam a existência humana e que permearão todo o enredo narrativo, considerando que um dos aspectos relevantes da obra de João Guimarães Rosa é expor as fragilidades da vida humana e como elas refletem no modo como o homem, como ser que é, se deixa perpassar por elas:

Riobaldo pergunta ao interlocutor se ele acredita no Diabo como uma entidade independente, desincorporado do interior das pessoas, e fica aliviado ante a resposta negativa. Concorde com ela. Mas retoma a excogitação e a exploração conjectural de várias hipóteses. Por exemplo, a seu compadre Quelemém, que era espírita kardecista e que para tudo encontrava explicação em anteriores

encarnações. Adianta acatar todas as religiões, e acreditar um tantinho em todas elas, sejam católicas, espíritas, até protestantes ou ministradas pelas rezadeiras da região. Tudo que possa aliviar as aflições da alma e da mente, inerentes ao homem (GALVÃO, 2001, p. 243).

Além dos aspectos metafísicos como o bem e o mal, Deus e o diabo, o enredo também é marcado pelo amor entre Riobaldo e Diadorim. Ambos se encontram pela primeira vez quando ainda crianças as margens do rio e de imediato Riobaldo é acometido pela beleza do Menino e pelo seu jeito de ver e encarar a vida e suas dificuldades. Mais tarde, quando já adultos eles se reencontram no sertão e acabam integrando o mesmo bando de jagunços:

Diadorim é essencialmente uma figura labiríntica. Com ele, o signo fundador do romance, que é o sertão-como-labirinto, desdobra-se numa forma humana. Nessa função, Diadorim é instaurador da desordem e, ao mesmo tempo, o elemento organizador (BOLLE, 2001, p. 85).

Posteriormente ao reencontro dos jagunços, a narrativa será assinalada pela travessia que se desenvolverá ao longo do romance e que será marcada por mortes, vingança, ódio, amor, vitórias e fracassos. O desfecho narrativo, então, se dá de forma trágica, pois Riobaldo perde Diadorim – seu “amor de ouro” – em uma batalha final pela vingança da morte de Joca Ramiro. E só então que ele descobre a feminilidade de Diadorim, que finalmente é revelada como Maria Deodorina da Fé Bittancourt:

Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer — mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu soluzei meu desespero (ROSA, 2017, p. 357).

Desta forma, Guimarães Rosa aborda ao longo das cem primeiras páginas, de um romance sem capítulos, questões que são frutos de suas andanças e observações do modo de vida sertanejo, como afirmado por Antonio Candido, em *O Homem dos Aessos*. Nesse ensaio, Candido (1991) aponta para a genialidade do escritor em extrair do sertão mineiro aspectos relevantes que constituem o romance mais do que uma obra regionalista, assim como sua capacidade de ampliar o sentido do modo de vida sertanejo, uma vez que o sertão de Rosa cabe em qualquer lugar do mundo, considerando que a matéria-prima está em qualquer espaço: o homem, a terra e a luta.

A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa, e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico, — tudo se transformou em significado universal graças

à invenção, que subtrai o livro da matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte — para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o Sertão é o Mundo (CANDIDO, 1991, p.295).

Assim, partindo de breves apontamentos acerca do enredo narrativo dou início à análise da tese defendida por Willi Bolle de que a obra de João Guimarães Rosa é então conceituada como um “romance de formação”, ou seja, está para além do conceito de regionalista, afirmação essa que refere-se não apenas ao romance consagrado mas de toda sua obra produzida. Sobre o romance de formação, Walter Benjamin afirma:

O romance de formação, ao integrar o processo de vida social na vida de uma pessoa, justifica de modo extremamente frágil as leis que determinam o processo. A legitimação dessas leis nada tem a ver com a realidade. No romance de formação, é essa insuficiência que está na base da ação (BENJAMIN, 1985, p. 202).

O ex-jagunço narra suas mazelas e dificuldades enfrentadas durante a sua travessia, que pode ser considerada como sua caminhada existencial, sempre se deparando com as estruturas do poder e da lei que vão o constituindo enquanto personagem. A partir da exposição dos dilemas pessoais, o narrador se depara com os padrões civilizatórios que acaba entrelaçando com sua existência. Desta forma, estabelece-se o romance de formação, que aborda não apenas questões ímpares, individuais, mas também aspectos que constituem a vida coletiva considerando a busca iminente de sobrevivência sobre o sistema.

A narrativa de Riobaldo é impregnada pelos lugares, pelas coisas e pelo sertão. A sua relação com o sertão se estabelece ainda no jogo de palavras e sentidos, considerando que ao mesmo tempo que é o sertão marcado pelo árido e pelo seco, é também atravessado pela vereda que é fonte de água e vida. Logo, ao mesmo tempo em que Riobaldo narra e define o sertão, este também o define:

O sertão gerou o narrador e a vida que levou. Comparece, portanto, com peso determinante, a que Riobaldo atribui qualidades positivas e negativas. Dessa perspectiva — a de grande espaço fundante —, o sertão com frequência se torna mais que um lugar, uma topografia, um ponto gráfico, um perímetro, adquirindo uma espessura até metafísica. O sertão é postulado como o espaço onde o homem se submete a proações que testam sua coragem, mas também onde Deus e o Diabo disputam a posse de almas (GALVÃO, 2001, p. 245).

Willi Bolle, para comprovar sua tese de que Grande sertão: veredas não se constitui como uma obra regionalista, estabelece um estudo comparativo entre a obra de

Guimarães Rosa e a de Euclides da Cunha – Os Sertões, considerando que se trata de uma obra inaugural no que se refere a retratar o Brasil.

A tese defendida aponta para a perspectiva de que o romance rosiano é uma releitura de clássico euclidiano, tendo como principal distinção o modo como o sertão é narrado, Rosa não fala do sertão e do jagunço, mas incorpora seus traços, sua fala, seu ritmo, sua aridez e sua complexidade:

A tese aqui discutida é que o romance de Guimarães Rosa é o mais detalhado estudo de um dos problemas cruciais do Brasil: a falta de entendimento entre a classe dominante e as classes populares, o que constitui um sério obstáculo para a verdadeira emancipação do país. Ao comparar o *Grande sertão: veredas* com os referidos ensaios sociológicos e historiográficos, cheguei à conclusão de que esse livro é o romance de formação do Brasil (BOLLE, 2004, p. 9).

Partindo desta premissa, *Grande sertão: veredas* é analisado como o que pode ser considerado como a representação alegórica de retratos do Brasil. Em *Grandesertão.br* (2004), grande parte da fortuna crítica é considerada e utilizada como base para a construção da tese do autor, como estudos linguísticos e estilísticos, análises de estrutura, composição e gênero, crítica genética, estudos onomásticos, interpretações esotéricas, mitológicas e metafísicas, além de estudos sociológicos, históricos e políticos. A análise do ensaísta parte de temas geradores como as angústias existenciais, o pacto com o Diabo e a paixão por Diadorim.

Tendo como o ponto de partida a diferenciação entre Os Sertões e Grande sertão: veredas, Willi Bolle estabelece um paralelo entre os narradores. Sobre o narrador euclidiano ele afirma:

Como foi observado pela crítica, o autor de *Os sertões* apresenta “dois discursos sobre o sertanejo”. Por um lado, um ensaio científico ou parcialmente científico, fortemente preconceituoso; por outro lado, uma narrativa épica, em que “jagunços” são estilizados heróis tragicamente extintos. Elogiar essa *dupla poética* como uma qualidade estética é problemático, pois, em termos retóricos, ela apresenta uma *moral dúplice*. A heroização dos derrotados funciona como uma compensação do veredicto ideológico sobre o projeto político-religioso deles. (...) O narrador d’*Os Sertões* apresenta-se como sincero. Mas que sinceridade é essa que denuncia nos soldados a prática da degola e não investiga o intelectual que os conclamou para a guerra? A alegada denúncia do crime que teria sido a campanha de Canudos resulta na legitimação dessa mesma campanha como um inevitável crime fundador, em nome da modernização do país. Com *Os Sertões*, a sociedade brasileira ganhou uma “obra-prima”, mas, como diria João de Régis, continuou faltando “uma conversa” (BOLLE, 2004, p. 38, grifos do autor).

Em Os Sertões o narrador acaba por prestigiar determinados fatos e acontecimentos em detrimento de outros, no que se refere ao contexto histórico do

período, como por exemplo a ordem que foi dada aos soldados para exterminarem a Campanha de Canudos, o que pode ser considerado como uma lacuna no que refere-se à História do Brasil. Como afirma Bolle (2004):

As questões estruturais mal resolvidas no livro de Euclides — o modo de narrar, a figura do narrador e o problema moral — são radicalmente reelaboradas em *Grande sertão: veredas*. Assim como o texto precursor, também o romance se configura como um discurso diante de um tribunal. O narrador Riobaldo está às voltas com a tarefa de explicar e justificar um ato culposo: o pacto que ele fechou com o Diabo. Ato que pode ser igualmente considerado um *crime fundador*, se o interpretamos alegoricamente como um falso contrato social, ou seja, como representação da lei fundadora de uma sociedade radicalmente desigual. Aqui também a autoacusação do narrador reverte num discurso de legitimação. No entanto, a diferença com Euclides é grande. Irônico, artiloso e “fingidíssimo”, o narrador de *Grande sertão: veredas* parodia e desmascara o “sincero” narrador euclidiano. Quanto à situação narrativa, o romancista contrapõe ao tratado autoral do seu precursor um retrato do Brasil em forma de uma *conversa*. Esse recurso, muito apropriado para refletir sobre as contradições do país, é combinado com um mergulho profundo na complexidade da linguagem (BOLLE, 2004, p. 39).

Como já afirmado, o narrador indica a presença de um interlocutor vindo da cidade, um estudioso que está na fazenda de Riobaldo para analisar a topografia do sertão. Mesmo se tratando de um interlocutor de “suma doutoração” é importante ressaltar que o domínio da linguagem é do homem sertanejo, estabelecendo então um contraste entre o urbano e o rural, o que acaba por inverter as relações de poder e a hierarquia social, considerando que a estrutura social e o lugar de fala seriam predominantemente da personagem intelectual e urbana, como o ensaísta em *Grandesertão.br* (2004): “A inversão dos papéis costumeiros é um estratagema de Guimarães Rosa para chamar atenção sobre o desequilíbrio de falas entre as forças sociais”.

Ainda considerando a linguagem utilizada por Riobaldo, é importante ressaltar que não se constitui como algo simples e óbvio, mas ao contrário é uma linguagem única e que exige do leitor mais do que o mero conhecimento sintático e semântico, exige sensibilidade. Trata-se, portanto, de uma linguagem muito bem elaborada, suas páginas estão impregnadas com uma língua reinventada que desperta, principalmente em suas primeiras páginas, o desconforto e a dificuldade de uma travessia caótica e árida. A reinvenção da língua se dá com o uso de palavras em desuso, neologismos, influências de outros idiomas, mas, sobretudo, com a linguagem sertaneja, ouvida, observada e admirada por João Guimarães Rosa, que soube explorá-la e dar-lhe um lugar de prestígio, considerando que a obra é lida e analisada por grandes intelectuais mundo afora:

No caso do romance de Guimarães Rosa, a dificuldade de compreensão expressa um problema que não é apenas literário ou estético. A obra coloca em cena uma falta de entendimento que é social, histórica e política. O pseudo diálogo entre o narrador sertanejo e o interlocutor letrado — que é na verdade um imenso monólogo — é uma encenação irônica, com papéis invertidos, da falta de diálogo entre as classes sociais. O descaso dos donos do poder para com o povo humilde, em que pesam quatro séculos de escravidão, representa um imenso atraso para a emancipação efetiva do país (BOLLE, 2004, p. 385).

Também é importante ressaltar outro eixo marcante do romance que é a violência que constitui o sistema jagunço e estabelece as relações de poder no sertão, que acabam por aproximar o sertão da cidade considerando que ambos são regidos através de leis e instituições civilizatórias. Fica latente ao logo do romance que a violência é utilizada como ferramenta de manutenção do poder, entre jagunços e fazendeiros. Riobaldo, portanto, como chefe do bando, desempenha o papel de agente da violência – termo designado por Jaime Ginzburg em *Literatura, violência e melancolia* (2013), quando analisa os tipos de narradores:

Aqui a violência é entendida como uma situação agenciada por um ser humano ou um grupo de seres humanos, capaz de produzir danos físicos em outro ser humano ou em outro grupo de seres humanos. Estou entendendo a violência como um fenômeno que inclui um deliberado dano corporal. A violência, tal como definida aqui, envolve o interesse em machucar ou mutilar o corpo do outro, ou levá-lo à morte (GINZBURG, 2013, p.11).

O ensaísta Willi Bolle, portanto, em sua tese de Grande sertão: veredas como um retrato alegórico do Brasil, busca evidenciar como uma narrativa individual pode, através de seus elementos, se constituir como um discurso coletivo a partir da premissa de que as experiências vividas por Riobaldo podem ser comuns a outros indivíduos.

Desta forma, no sexto capítulo intitulado “Nação dilacerada”, o ensaísta analisa com apontamentos, agora não apenas da obra de Euclides da Cunha, mas também do livro *Casa Grande & senzala*, de Gilberto Freyre, de que forma se dá a relação entre o senhor e o escravo, considerando o poder dos donos das terras que executam seu poderio no sertão, como Zé Bebelo e Seo Habão sobre os jagunços, que muitas vezes se encontram nessa condição.

O paralelismo entre os dois títulos é perfeito, em termos semânticos, sonoros e métricos — mas não menos significativa é a oposição entre o símbolo do entrelaçamento harmonioso, na obra de Freyre, e a composição em forma de contraponto, em Guimarães Rosa. Essa divergência mínima na composição dos títulos revela-se máxima no tratamento dado por cada um dos dois autores ao antagonismo senhor *versus* escravo e incorporado à sua obra discretamente, mas sem harmonização (BOLLE, 2004, p. 282).

Em ambas as obras as fazendas constituem um aspecto importante da representação alegórica da sociedade brasileira. Estabelecendo um contraponto com a construção elaborada por Freyre:

O regime vigente no sertão de Guimarães Rosa — que representa a região central do Brasil e, alegoricamente, o país inteiro — é o da sociedade patriarcal, caracterizada pelo pleno poder do grande proprietário ou grande potentado sobre seus agregados, cuja condição oscila entre “homens livres” e servos (BOLLE, 2004, p. 283, grifo do autor).

É importante ressaltar que diferentemente de outras obras, *Grande sertão: veredas* não tem como objetivo retratar um período histórico, mas os elementos que constroem a narrativa de Riobaldo estabelecem um panorama com características que constituem não somente o espaço sertanejo mas toda a sociedade brasileira, como por exemplo a fome, a miséria, a violência, as relações de poder, as questões metafísicas, o amor, a vingança e o poder.

Grande sertão: veredas logo rompe com as barreiras regionalistas considerando que a narrativa de Riobaldo poderia se passar em qualquer outro local, pois possui aspectos comuns a outros espaços sejam eles urbanos ou rurais. A narrativa de Riobaldo ao mesmo tempo que é individual, retratando sua travessia como narrador é impregnada por experiências coletivas, desta forma indo além do conceito de obra regionalista como aponta Willi Bolle em sua tese que converge com estudos que apontam para o romance de formação social, ou seja, aquele que não tem como objetivo uma narrativa individualista por parte do narrador, mas que pelos problemas enfrentados e as experiências vividas caracterizam toda uma sociedade.

O conceito de romance de formação aqui abordado tem como base os estudos realizados pelo professor de filologia clássica, Karl Morgenstern, apresentado pela primeira vez em 1803, em uma conferência sobre “[...] o espírito e as correlações de uma série de romances filosóficos”. O romance de formação tem sua origem na Alemanha e funciona como engrenagem de uma burguesia em ascensão que acaba utilizando o romance – gênero literário – para disseminar e espelhar suas ideias.

A epopeia, que até então era o gênero literário prestigiado da época, acaba perdendo espaço para o romance de formação, este que tem como principal característica um narrador que precisa lidar com as dificuldades internas mas que ao mesmo tempo sofre com os fatores externos, ou seja, uma personagem que não tem seu mundo como

único fator determinante e sim que está a mercê de fatores da sociedade em que ele se constitui como a violência, o poder e as questões sociais.

O romance de formação (*Bildungsroman*), cujo protótipo é o *Wilhelm Meister* (1795-96) de Goethe, costuma ser oposto, enquanto história do desenvolvimento de um “herói individual”, não só à epopeia, que retrata a história de um povo, mas também e sobretudo ao romance social. Por essa polarização são responsáveis tanto os teóricos do conceito, desde Karl Morgenstern (1820) e Wilhelm Dilthey (1870, 1906), quanto os escritores alemães do século XIX, que não acompanharam as inovações do romance introduzidas pelos seus colegas franceses, ingleses e russos. Visto contra o pano de fundo desses paradigmas da literatura universal, *Grande Sertão: Veredas*, embora narrando a história de um indivíduo, tem também características marcantes de um romance social, como vimos através da comparação com os ensaios de formação do Brasil (BOLLE, 2004, p.376).

Sendo assim, o narrador-protagonista de *Grande sertão: veredas* narra mais do que a própria estória e acaba construindo retratos do Brasil que não dizem respeito a um único indivíduo, mas a toda sociedade rompendo com a concepção de romance regionalista e se concebendo como um romance de formação social, tese defendida inicialmente por Willi Bolle.

Ainda acerca da análise de *Grande sertão: veredas* como um “romance de formação social” é importante ressaltar que uma das características fundamentais para classificá-lo como tal está na relação de conflito existente entre personagem-protagonista, que almeja decifrar pela rememoração numa busca existencial respostas para dúvidas e acontecimentos que ele não consegue compreender, e as leis e convenções, com que ainda precisa lidar durante a busca por essas respostas, de uma sociedade brasileira estagnada em um processo de formação.

O romance de João Guimarães Rosa tem como eixos narrativos as divergências culturais e linguísticas, o contraste que pode ser verificado ainda no título com o jogo semântico entre “Grande” que indica para as vastas extensões de terras e a direta relação que isso tem com a hierarquia social, e as “veredas” que remetem aos espaços menores, dos desfavorecidos e menos prestigiados, que vivem portanto as margens da sociedade retratando igualmente a sociedade civil brasileira marcada pela desigualdade e pelas relações de poder.

O jogo metafísico é outro eixo narrativo pois estabelece o lugar de fala e a separação dos homens entre bons e ruins, iguais e desiguais, figuras de Deus ou do Diabo. Deixando evidente que o povo e suas estórias narradas pelo ex-jagunço também são personagens que constituem o enredo narrativa. Como afirma Willi Bolle: “O

protagonista secreto do romance e da obra de Guimarães Rosa como um todo é a multidão de marginalizados e excluídos”.

Guimarães Rosa quando escolhe o sertão o faz considerando que no espaço sertanejo as divergências sociais individuais e coletivas podem ser facilmente abordadas, pois trata-se de um cenário árido e exposto, o que não impede que sua narrativa seja recontada e representada por qualquer outro lugar, fazendo assim que o sertão rosiano tome dimensões de sertão-mundo, considerando que os questionamentos e existências de Riobaldo, assim como os percalços da travessia de cada uma das personagens do enredo, possam se constituir em qualquer época e espaço pois são comuns à existência humana e não apenas um aspecto determinante de uma determinada região.

Referências

BENJAMIN, Walter (1936). Der Erzähler. In GS II, 2, 1977. p. 438-465. Ed. brasileira: “O narrador”. In: **Obras escolhidas I**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BOLLE, Willi. Diadorim: a paixão como medium-de-reflexão. **REVISTA USP**, São Paulo, n.50, p. 80-99, jun./ago. 2001. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i50p80-99>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35277/37997>. Acesso em 11 jan. 2019.

BOLLE, Willi. **Grandesertão.br**: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2004.

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. COUTINHO, Eduardo (Org.). **Guimarães Rosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 294-309. (Fortuna Crítica, 6).

GALVÃO, Walnice Nogueira. Riobaldo, o homem das metamorfoses. In: MOTA, Lourenço Dantas; ABDALA JUNIOR, Benjamin (Org.). **Personae**: grandes personagens da literatura brasileira. São Paulo: Senac, 2001. p. 237-264.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas: Autores Associados, 2013.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.